

# Em busca do divino

Novas provas mostram que os seres humanos foram projetados para acreditar em Deus

Por VINCE RAUSE

**U**MA NOITE, há cerca de dois anos, disseram que a Virgem Maria havia aparecido no sótão de uma casa localizada a poucos quilômetros da minha. A Virgem manifestara-se acima da porta de um armário na forma de um suave borrão de luz dourada, esboçando uma figura envolta em mantos fluidos. O dono da casa explicou que a imagem apare-

cia apenas à noite, quando os postes das ruas já estavam acesos e a janela que ficava de frente para a rua, aberta.

Do lado de fora da casa, centenas de pessoas faziam fila, esperando horas para vislumbrar o milagre. Enquanto assistia àquilo na TV, eu me perguntava: *Como é possível, numa sociedade esclarecida como a nossa, tantas pessoas se aventurarem no meio da noite por uma aparição de glória tão pouco convincente? E, em seguida: Que ânsia latente e desassossegada era aquela que me impelia a ir até lá e entrar na fila?*

VINCE RAUSE colaborou com o neurocientista Andrew Newberg no livro *Why God won't go away* (Por que Deus não vai embora).

Estou almoçando com Andrew Newberg, professor da Universidade da Pensilvânia. Conversamos sobre sua teoria biológica para a religião. Segundo ele, há uma base neurológica para a grande fome humana por Deus. A teoria fez de Newberg, 35 anos, uma das principais figuras da emergente ciência da neuroteologia, que explora as ligações entre a espiritualidade e o cérebro.

Newberg me diz algo que não sei se sou capaz de compreender: que a fabulosa “realidade superior” descrita pelos místicos pode ser real.

– Você quer dizer real no sentido *figurado*... – digo, um tanto perplexo.

d’Aquili descrevia como as funções do cérebro poderiam produzir uma gama de experiências religiosas, das profundas epifanias dos santos à silenciosa sensação de santidade experimentada por um devoto ao rezar.

No início da década de 90, d’Aquili se juntou a Newberg, um radiologista. Os dois refinaram a teoria e começaram a testá-la. Usaram uma tecnologia de imagem denominada SPECT para mapear o cérebro de budistas tibetanos em meditação e de freiras franciscanas imersas em prece contemplativa. As tomografias fotografaram o fluxo sanguíneo – indicando níveis de atividade neu-

## ‘Sua pesquisa demonstra a existência dessa realidade superior?’

– Não – responde ele. – Tão real quanto esta mesa. Mais real, até.

– Está dizendo que sua pesquisa demonstra a existência dessa realidade superior?

– Estou dizendo que a possibilidade de tal realidade não é incompatível com a ciência.

– Mas não há como *observar* isso de maneira científica, há?

Newberg sorri. Ele não só observou esse estado, como o fotografou.

A teoria de Newberg se baseia numa pesquisa iniciada nos anos 70 pelo psiquiatra e antropólogo Eugene d’Aquili, já falecido. A teoria de

ral – no cérebro de cada indivíduo no momento em que este atingia um intenso clímax religioso.

Durante a análise das imagens, a atenção dos cientistas foi atraída para uma porção do lóbulo parietal esquerdo denominada área de associação e orientação. Essa região estabelece a fronteira entre o eu físico e o restante da existência, tarefa que requer um fluxo constante de informações neurais, canalizadas pelos sentidos. As tomografias revelaram que, nos momentos de pique das preces e da meditação, esse fluxo sofria uma redução drástica. Com a área de

orientação privada das informações necessárias para separar o eu do mundo – acreditam os cientistas –, o indivíduo experimentaria uma sensação de percepção ilimitada, fundindo-se ao espaço infinito.

Parecia que eles haviam capturado instantâneos do cérebro próximo a um estado de transcendência mística – descrito pelas principais religiões como uma das mais profundas experiências espirituais. Os santos católicos se referiram a isso como “união mística” com Deus. Um budista a chamaria de “interconexão”.

São experiências raras, que exigem um bloqueio quase total da área de orientação. Mas Newberg e d’Aquili acreditavam que graus reduzidos desse bloqueio poderiam produzir uma gama de experiências espirituais mais brandas, mais usuais, como quando os devotos “se perdem” em meio às orações ou experimentam uma sensação de unidade durante um ritual religioso. A pesquisa sugere que esses sentimentos têm origem não na emoção ou no poder da sugestão, mas sim na “fiação” geneticamente estruturada do cérebro.

“É por isso que, numa era da razão, a religião prospera”, diz Newberg. Não é possível simplesmente bloquear a existência de Deus com o pensamento, explica ele, pois os sentimentos religiosos provêm muito mais da *experiência* do que do pensamento. Eles nascem num momento de conexão espiritual, tão real para o cérebro quanto qualquer percepção de uma realidade física “normal”.

– Isso quer dizer que Deus não passa de uma percepção gerada pelo cérebro ou que a “fiação” do cérebro foi projetada para experimentar a realidade de Deus? – pergunto.

– A melhor e mais racional resposta que posso dar às duas perguntas – responde Newberg – é “sim”.

**O** CAMINHO que me levou a Newberg começou anos antes de nos conhecermos. Eu tinha um casamento feliz, um trabalho que adorava e uma família bem grande.

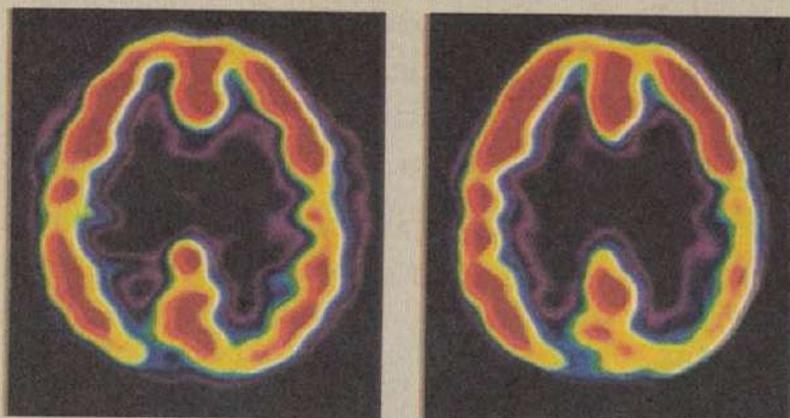
Em poucos anos, no entanto, a balança do destino pendeu contra mim. Minha mãe morreu de câncer. Meu irmão, Joe, sucumbiu a uma parada cardíaca. Perdi minha avó, quatro tios e uma tia. O efeito de tanta dor me desnor-teou. Tentei achar alívio nas preces, mas as palavras pesavam em minha boca.

Procurei me lembrar de como era crer. Pensei em mim mesmo, quando criança, sentado na capela, estremecendo com o eco dos cânticos em latim. Quando, porém, tentei recordar a experiência da fé – como era crer de verdade – as emoções não vinham à tona.

Só me lembrava da santidade oculta nos recantos mais escuros da igreja. Estava na luz das velas, na música, nos gestos ritualísticos do padre. Era algo imenso e misterioso.

À medida que ficava mais velho, ia esquecendo tudo aquilo de sagrado que se ocultava nas sombras. Eu

## Imagens iluminadas



A imagem do cérebro à esquerda foi registrada quando o indivíduo se encontrava desperto. Ela mostra uma atividade relativamente igual em todas as partes do cérebro, indicada pelas áreas em vermelho.

A imagem à direita foi registrada enquanto o indivíduo se encontrava em meditação profunda. Ela mostra uma redução da atividade em um dos lobos parietais (indicado pela coloração amarela bem mais viva abaixo, à direita), sugerindo um embaçamento da linha que define o eu e um momento de intensa espiritualidade.

—V.R.

me considerava um sujeito racional que havia superado as superstições.

Então, com a meia-idade se impondo e o universo mostrando os dentes, eu não sabia a quem recorrer. Havia caído numa terra de ninguém espiritual.

Durante esse tempo de inquietação, meu agente me falou de Newberg, que precisava de ajuda para escrever um livro sobre religião e cérebro. Um mês depois nos encontramos e o livro começou a tomar forma.

Mas não foi fácil. Quanto mais

me aprofundava no capítulo sobre misticismo, mais me via perdido numa alucinante casa de espelhos.

O místico islâmico diz: “Nós, assim como as nossas existências, somos não-existências.” O budista afirma: “Isso jamais existiu. Jamais foi uma não-existência.” Para o místico cristão medieval Meister Eckhart, Deus “é o ser além do ser: Ele é o nada além do ser”.

Até que, por acaso, li uma passagem escrita por Bede Griffiths, um monge beneditino contemporâneo. Ele descreve uma experiência da infância, na qual caminhava uma noite e se viu de súbito deslum-

brado com o lindo canto de um bando de pássaros. Aquilo lhe despertou sentidos jamais usados antes. De um instante para o outro, o mundo pareceu se transformar, conta o monge, como se ele estivesse na “presença de um mistério quase insondável”.

Era isso: nada de arbustos em brasa nem carruagens em chamas. Apenas um suave e sutil despertar, uma delicada epifania da qual muitos talvez desdenhassem, mas que mudou para sempre a vida de Griffiths.

Encontrei relatos de revelações similares: gente surpreendida por

uma sensação de maravilhamento enquanto lia poemas, ponderava sobre o cosmos ou rezava. Uma experiência mística, eu começava a entender, não era uma ascensão mágica a um paraíso distante e literal. Era uma epifania silenciosa e pessoal de que o milagroso e o mundano são um só e o mesmo, e se encontram bem diante de nossos olhos.

Pela primeira vez desde a infância senti a presença de algo misterioso e superior. O que era esse “algo” eu não sabia e, por algum motivo, não precisava saber. Aprendi que, para os místicos, só podemos ver a realidade como ela é de fato quando deixamos o eu de lado durante a meditação. Na verdade, as tomografias de Newberg sugerem que o cérebro talvez seja capaz de experimentar duas realidades. Em uma delas, a percepção alcança a mente por meio do filtro do eu. Na outra, o eu é afastado e a percepção da mente se amplia e se unifica.

– E não há como afirmar que uma é mais real do que a outra? – pergunto.

Newberg sorri. A realidade, teoriza ele, é uma questão de grau – o que parecer ser mais real é mais real.

– Os místicos tendem a experimentar esse estado [transcendental] como mais real do que a realidade comum – diz.

Isso me silencia. Não consigo di-

gerir a idéia de que *insights* místicos devem ajudar a moldar nossa visão prática da existência. Encontrei então a seguinte passagem, escrita por Albert Einstein: “A mais bela experiência que podemos ter é a do misterioso. Ele é a emoção fundamental que está no berço da verdadeira ciência. Quem não sabe disso e já não consegue se surpreender ou se maravilhar, está praticamente morto.”

Descobri que a opinião de Einstein era compartilhada por outros grandes cientistas – Niels Bohr, Max Planck e Werner Heisenberg –, que concluíram que no universo racional há espaço para maravilhas incompreensíveis.

TERMINADO O LIVRO, não posso afirmar que tenha encontrado a religião. Mas me dei conta de que os maiores e mais fascinantes mistérios devem ser saboreados, e não solucionados. O mistério está em toda parte, só é preciso ter humildade no coração e prestar atenção. “Minha salvação é ouvir e reagir”, escreveu o monge trapista Thomas Merton. “Para isso, minha vida deve ser silenciosa. Portanto, meu silêncio é a minha salvação.”

Este, decidi, é o meu novo plano mestre: abandonar a preocupação em ser bem-informado, interessante ou racional. Simplesmente calar e escutar.

---

Aprendi que, quando a pessoa diz que teve uma conversa “franca” com alguém, em geral quer dizer uma sessão de gritos com punhos cerrados.

–LARRY KING, *Anything goes* (Warner)